

### **A 3.<sup>a</sup> Reedição de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa*, de Jacinto do Prado Coelho**

Eduardo Lourenço

#### **Resumo**

Este pequeno texto, datado pelo autor de 10 de Julho de 1970, apresenta-se como peça fundamental da receção do livro de Jacinto do Prado Coelho por Eduardo Lourenço. Revelando um pendor crítico menos marcado que outras apreciações da leitura de Prado Coelho, este breve ensaio revela aspetos determinantes de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* para o desenvolvimento da leitura pessoana de Lourenço. Trata-se de um manuscrito inédito que se encontra no Acervo à guarda da Biblioteca Nacional, transcrito por António Ramalho e apresentado por Pedro Sepúlveda.

#### **Palavras-chave:**

Fernando Pessoa, Jacinto do Prado Coelho, Heteronímia, Poesia, Crítica

#### **Abstract**

This short text, given the date of July 10, 1970 by the author, is a decisive piece in the reception of Jacinto do Prado Coelho's book by Eduardo Lourenço. Showing a less sharp critical dimension than other readings of the book, this brief essay reveals decisive aspects of *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* for the development of Lourenço's own critical approach on Pessoa. This is an unpublished manuscript, part of the Acquis held by the Portuguese National Library, transcribed by António Ramalho and presented by Pedro Sepúlveda.

#### **Keywords:**

Fernando Pessoa, Jacinto do Prado Coelho, Heteronymy, Poetry, Criticism

### Nota de Apresentação

Publica-se aqui um texto manuscrito inédito, datado por Eduardo Lourenço de 10 de Julho de 1970 e escrito na sequência da publicação da terceira edição do livro de Jacinto do Prado Coelho *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* (3.ª ed. refundida e acrescentada, 1969). O texto, que se encontra no Acervo da Biblioteca Nacional, é transcrito por António Ramalho, as notas são da minha responsabilidade.

Nele o autor louva a “primeira grande interpretação de conjunto” da obra de Pessoa, que analisa a heteronímia enquanto “expressão de um conflito entre a vontade de absoluto e o pendor niilista” do poeta. Lourenço saúda a perspetiva textual de Prado Coelho que, por contraponto à análise “psicologista” de Gaspar Simões, reduz o poeta “como de facto o devia ser, aos seus *poemas*”. Ao defender que este falha, no entanto, ao não admitir “a *ficção heteronímica* como realidade” e cedendo à tentação de “*criticar*”, o filósofo anuncia também uma “outra leitura”, que poderia “tomar à letra a *genialidade* do Poeta”.

Este texto surge como peça fundamental da receção do livro de Prado Coelho por Eduardo Lourenço, antecedendo as críticas mais incisivas que apresentará em 1973, na primeira parte de *Pessoa Revisitado*. Recorde-se que Lourenço publica em 1971 o artigo “Kierkegaard e Pessoa ou a Comunicação Indirecta” (*Diário de Lisboa*, 12 Ago.), correspondente a um excerto de um ensaio dos anos 50 que visava já o livro de Prado Coelho, ao qual este responde de forma polémica no mês seguinte em *A Capital*. Lourenço escreve, no mesmo ano, o ensaio “Resposta (sem metáfora) ao Sr. Prof. Jacinto do Prado Coelho”, cuja publicação acaba por suspender, dando-o a conhecer apenas em 2009 (cf. *Colóquio-Letras*, nº 171, Maio de 2009, 376-387). Revelando um pendor crítico menos marcado que leituras já conhecidas, este pequeno texto mostra a admiração por uma “pedra basilar” que irá ser determinante no desenvolvimento dessa “outra leitura”.

Pedro Sepúlveda

### A 3.ª Reedição de *Diversidade e Unidade em F[ernando] Pessoa*, de J[acinto do] P[rado] Coelho

Na já imensa literatura crítica consagrada a Fernando Pessoa duas obras ocupam um lugar predominante: os dois volumes de carácter biográfico de João Gaspar Simões e o volume agora em terceira edição de Jacinto do Prado Coelho, de ordem interpretativa e crítica. O êxito de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* por si mesmo fala do interesse permanente da primeira grande interpretação de conjunto – e até agora a única – de que dispomos em língua portuguesa em matéria de crítica pessoana. Pode-se, sem lisonja, falar a seu respeito de clássico da bibliografia pessoana. Como do seu título se conclui, a questão central de *Diversidade e Unidade em F. P.* é a sempre discutida questão da heteronímia do autor de *Mensagem*. O *parti-pris* metodológico de J. do Prado Coelho foi o de admitir a imediata aparência da *diversidade* com que a obra se apresenta para descobrir a sua *unidade* e, sobretudo, as razões e provas dela. Este ‘parti-pris’ foi muito criticado mas não se vê porquê, pois o seu autor como tal o apresenta. Bastava aliás a cautela. No prefácio da 2.ª edição, J. P. Coelho confessa com simplicidade que no íntimo nunca duvidara do ‘dogma da personalidade’, quer dizer, nunca admitira a *ficção heteronímica* como realidade<sup>1</sup>. Dir-se-á que nesse caso fica sem objecto o propósito mesmo do livro. É o fundo da objecção de Casais Monteiro: ou a *diversidade* não é tomada a sério e a descoberta da *unidade* é puro pleonasma ou é tomada a sério e obriga a um tipo diferente da hermenêutica ilustrada pelo ensaio de J. P. Coelho<sup>2</sup>. Há nesta objecção um aspecto formal e um de fundo. Na verdade a abordagem da questão da *heteronímia* comporta já – mas para toda a gente, Casais Monteiro incluído – a solução implícita da questão. É afinal um caso particular – e particularmente probante – do *círculo hermenêutico* inerente a todo o discurso crítico. No próprio conceito de *heteronímia* – em especial segundo a memorável definição que dele nos deu Pessoa, interpretando-o – se encontra já a temática da *unidade*. Que se comece por uma ponte ou por outra, no fundo não tem muita importância. A contradição é só aparente. O essencial é compreender a natureza da heteronímia e o seu papel propriamente poético. Tal foi o escopo da obra de J. do Prado Coelho e a resposta que lhe deu não perdeu acuidade nem a actualidade: a heteronímia é a expressão de um conflito entre a vontade de absoluto e o pendor nihilista de Fernando Pessoa. O

<sup>1</sup> Cf. Coelho, Jacinto do Prado (1969) *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* [1949], 3.ª ed. refundida e acrescentada, Lisboa, Verbo, IX.

<sup>2</sup> Cf. Monteiro, Adolfo Casais (1958) “Fernando Pessoa e a Crítica” [1952], in *Estudos sobre a Poesia de Fernando Pessoa*, Rio de Janeiro, Agir, 185-186.

que é possível é que esta verdade apareça ainda como excessivamente genérica e seja susceptível de uma segunda leitura, que engloba num movimento de inspiração único o que aparece ainda sob a forma de contradição.

Fatigados da questão heteronímica, os críticos de Pessoa – entre eles G. Simões e Casais Monteiro – conheceram a tentação de se desembaraçar dela. Gaspar Simões concluindo pela ‘mistificação’ pura e simples, Casais Monteiro aconselhando – e o conselho é bom – a leitura da *poesia* de Pessoa em si mesma, deixando de lado a heteronímia. Não foi esse o ponto de vista de J. P. Coelho e a dezanove anos de distância continua a considerá-lo justo e a nosso ver com razão. Os heterónimos não são um aspecto secundário, que desvia crítica do que realmente importa, mas pelo contrário, um problema central, de análise imprescindível para a compreensão de Fernando Pessoa. Durante muito tempo, Casais Monteiro teve exactamente a mesma opinião. E seja qual for a crispação que o tema obsessivo provoque não parece possível, para quem lê Pessoa, poder vir a ter outro, salvo o de reunir a produção inteira para o cómodo e absurdo inferno de uma ‘mistificação’ em que as melhores intenções críticas se afundam, mas não o Poeta que elas visam.

Que a questão heteronímica é um poço sem fundo é exacto mas ninguém é obrigado a atravessá-lo. J. P. Coelho munuiu-se de um dos métodos críticos mais legítimos para sondar esses mundos que a si mesmos se apresentam como *autónomos* e descobrir neles a forma e a figura do seu único criador: o método estilístico. Da legitimidade e do alcance do método não sei que duvidar mesmo se se não partilham todas as aplicações. O Poeta é reduzido, como de facto o devia ser, aos seus *poemas* e estes tratados como um *continuum* no qual é possível discernir as observações, os temas, as fórmulas, os ‘tics’ mesmo. Infelizmente este ‘parti-pris’ metodológico não é tomado à letra como se poderia supor e já toda a intricada problemática da *heteronímia* e a sua solução se encontram implicadas na espécie de contradição fundamental (e até certo ponto irreduzível) entre esse pressuposto e o tratamento *realmente* [...] de que cada heterónimo é objecto. Não é por acaso que a interpretação de J. P. Coelho começa por *Alberto Caeiro*. Este começo e este privilégio impõem-se efectivamente a todos quantos alguma vez se debruçaram sobre a obra de Pessoa. E pode dizer-se, sem se ser dogmático, que toda a visão da heteronímia, sua essência e sua função (que se recobrem) dependem da interpretação de *Alberto Caeiro*. Foi esta interpretação, aliás, a que suscitou reparos mais graves, mormente da parte de Casais Monteiro, aos quais J. P.

Coelho responde em parte num apêndice prolixo ao seu ensaio<sup>3</sup>. À objecção, aparentemente irrefutável de Casais Monteiro, que um poema é o que *é* e não o que *diz*, J. Prado Coelho responde que ele é igualmente *o que diz*, o que é justo e particularmente no caso de Alberto Caeiro. Mas no fundo o que a crítica de Casais Monteiro visava era a interpretação deste *dito* tal como J. Prado Coelho a leva a cabo, embora ele mesmo não tenha proposto até ao presente uma ‘outra leitura’, que seria a verdadeira crítica da interpretação do autor de *Diversidade e Unidade em F. Pessoa*. Essa ‘outra leitura’ é concebível. Basta *não ler* da mesma maneira o que efectivamente Alberto Caeiro *diz* para encontrar aquilo que ele *é*, segundo o voto de Casais Monteiro. Esta possibilidade permanecerá simples ‘opinião’ ou hipótese *dialéctica* abstracta enquanto não receber um cumprimento efectivo, mas não é de excluir a sua futura pertinência. O que ele implica é uma visão *corrente* da poesia total de Fernando Pessoa, subentendida por uma visão precisa da essência da *poesia em geral* e em especial da *poesia moderna*. Para esta *coerência* tende igualmente a clássica interpretação do ensaio de J. P. Coelho, mas é uma coerência ‘apesar de’ (todas as ‘incoerências’ e ‘contradições’ que J. P. Coelho descobre quer em *cada* heterónimo, quer no conjunto deles), em suma uma espécie de ‘bónus’ cujo fundamento permanece precário. É aqui que um outro enfoque possível – no fundo uma visão ligeiramente diferente da poesia de Pessoa e igualmente do papel do *crítico* em geral – poderia permitir uma outra leitura.

Os princípios de uma tal leitura nada têm de misteriosos. Poderão resumir-se todos na pergunta de Platão: ‘salvar as aparências’, *justificar na sua integralidade o discurso poético de Pessoa* sem ceder – ao menos num primeiro momento – à tentação aparentemente óbvia e legítima de *criticar*. Este propósito não está ausente do paradigmático ensaio de J. Prado Coelho – sem ele não teria merecido o acolhimento que mereceu – mas encontra-se inextricavelmente misturado ao de um juízo *crítico*, cuja presença, não raro, é heterogénea à *realidade poemática* que é objecto dela. Pelo menos assim aparece, ou pode aparecer para todos aqueles a quem um *verso de Caeiro* – e só pelo facto de sê-lo – é *o lugar* do juízo sobre todos os juízos sobre ele e não a ocasião de uma impugnação que só pode visar quando muito o *conteúdo proposicional* dele, abstractamente considerado. Em suma, na consideração da poesia de Pessoa pode tomar-se como guia a *profundezça* dessa própria poesia – com a inevitável coerência que subentende – e encontrar nela o guia, até onde for possível, do que à primeira vista aparece como ‘contraditório’ ou ‘incoerente’. Válida em geral, esta atitude parece impor-se no caso de um Poeta que foi e continua sendo o

---

<sup>3</sup> Cf. *Idem*, 13-15 e “Notas à margem de alguns livros sobre Fernando Pessoa posteriores ao presente ensaio”, in *idem*, 231-260 (ver em particular o ponto 2).

mais profundo espírito que Portugal jamais concebeu, e, entre outras coisas, o seu *primeiro* grande crítico. Esta maneira de tomar à letra a *genialidade* do Poeta poderá parecer idolátrica, mas o risco que há nela devem assumi-lo todos aqueles que em desespero de causa sempre se inclinariam de preferência para a idolatria do Poeta do que para a da crítica, por mais meritória que seja, como é o caso. Acontece contudo que no caso exemplar de Pessoa toda a tentação idolátrica se encontra por definição excluída. A sua Poesia é o lugar mesmo da mais genial e profunda auto-crítica do acto poético e basta ecoar-lhe a voz que nela fala para entrar por encanto na hermenêutica que vale bem todas as ‘descobertas’ mais recentes. É na hesitação entre dois caminhos – um que ‘dá razão’ ao Poeta e outro que o ‘lecciona’ – que hoje se pode encontrar o único ‘senão’ do magistral ensaio de J. P. Coelho. O interessante apêndice desta terceira edição parece ainda carregar a balança para o segundo ponto. Através dele o leitor compreende melhor as razões de ordem, digamos, cultural, que explicam a origem da Poesia e do Poeta tal como J. P. Coelho as configuram. J. P. Coelho, e em oposição a um certo ‘refrão’ actual que passa por oráculo, defende a relação da Obra com a Vida do Poeta. Infelizmente, no caso de Pessoa e no momento em que o autor de *Diversidade e Unidade em F. P.* escrevia o seu ensaio essa *vida* – ou antes a sua *imagem* – era a da biografia de Pessoa por J. Gaspar Simões. Não é aqui o momento de a reconsiderar como merece. Tal como é permanece insubstituível e quase inservível. Mas as consequências da *imagem* de Pessoa sobre a hermenêutica da sua poesia são incalculáveis. No essencial, J. P. Coelho – como no seu apêndice se acentua – parece perfilhá-la. Para responder a certos misticismos realmente discutíveis o autor, tão comedido, de *Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa* retoma por sua conta muitos traços da imagem fortemente *negativa* do Pessoa segundo G. Simões, desde as que de ordem ‘psicológica’ podem ser aceites como simples *dados* (abúlico, ‘ser virado para dentro’, etc.) até às que envolvem um juízo ético-estético da mais discutível substância: “professor da coragem de afirmar e ‘demonstrar’, com a mesma engenhosa lógica formal, uma coisa e o seu contrário” e responsável “de ultraje à razão e à dignidade humanas”<sup>4</sup>. Não é sem espanto que percebemos, sob a pena de tão sereno ensaísta, estes rebentos da interpretação negativista e rasteira que celebrizou Gaspar Simões. Imprevistamente bate-nos no rosto a sombra daquele *psicologismo*, ponto de comparação entre o literário e o não-literário de que J. P. Coelho, como pouca gente, conhece a extensão e os malefícios. Mas seria uma injustiça esquecer por esta dedada de um inimigo que a todos nos espreita, o mérito próprio de uma análise ao nível dos textos, a primeira que nos foi fornecida e até agora sem rival. Na sua luz é mais fácil imaginar

---

<sup>4</sup> *Idem*, 254-255.

uma re-leitura que sem ela teria de correr sozinha os riscos inevitáveis que todas as aventuras pioneiras como esta aportam e assumem. No campo da exegese de Pessoa, cada vez mais extenso, *Diversidade e Unidade em F. P.* é uma pedra basilar que não é lícito nem possível a ninguém contornar. Que mais justificação?

E[duardo] L[ourenço]

Dinard, 10 de Julho de 1970